



CYBERBULLYING: A VIOLÊNCIA DOS TEMPOS MODERNOS

“Menina de 15 anos suicida-se após ter sido vítima de *cyberbullying*”. Este é o título de uma notícia datada de 2012 que dá conta de um suicídio de uma jovem, decorrente de agressões que aconteceram no meio online.

Apesar dos diversos benefícios do uso da internet e dos meios tecnológicos, existem igualmente aspetos negativos e fatores de risco para a sociedade. Não se pretende referir o famoso clichê da perda de capacidades de socialização ou à deturpação da vida quotidiana dos internautas, mas principalmente, e porque é disto que importa falar, ao envolvimento em situações de violência que outrora aconteciam em meio escolar.

Este fenómeno é chamado, pela comunidade científica, de *cyberbullying*, e é caracterizado como sendo uma extensão do conhecido *bullying* que agora se faz usar do meio digital para agredir psicologicamente alguém, numa infinidade de possibilidades de agressão. Algumas especificidades do *cyberbullying*, como o facto de as agressões serem vistas por um maior número de pessoas ou de permanecerem online por mais tempo que a nossa memória o permitiria, ou ainda, o facto de o agressor poder manter-se anónimo – contribuem para a complexidade deste fenómeno, que cada vez mais merece discussão séria, tão séria quanto os efeitos negativos e consequências que pode acarretar para as vítimas.

É com o desenvolvimento e avanço das tecnologias de informação e comunicação que este novo tipo de *bullying* emerge, dando lugar a novos comportamentos.

Com a entrada na era da internet a realidade quotidiana da sociedade em geral passou a ser também virtual, embora, frequentemente deturpada. Atividades como ver notícias, ler livros, estudar e assistir filmes, passou a ser possível com um simples equipamento informático. Para além destas, também a comunicação entre pessoas se viu aprimorada e facilitadora, permitindo, de uma forma muito simples e rápida, comunicar com pessoas que não estamos a ver (e não só), e, de forma eficaz.

Comunicar é um processo social primário presente em nós desde o nascimento. O psicólogo russo Lev Vygotsky desenvolveu uma tese onde explica que as crianças absorvem os conhecimentos e valores que acumularam as gerações anteriores, através da interação com elas, e, que a forma de efetivarem esse conhecimento é através das relações sociais. A capacidade individual de pensar e racionar também depende das atividades sociais que fomentam as habilidades cognitivas inatas. Como diz o psicólogo, “transformamo-nos em nós mesmos por intermédio dos outros”. É por essa razão que



sentimos esta necessidade inconsciente de estar em constante contacto com os outros. E, devido às tecnologias essa necessidade tornou-se mais fácil de satisfazer.

Comunicar através dos meios tecnológicos é, nos dias de hoje, prático, rápido e acessível a todos, tendo-se verificado uma relativa transferência da vida real para o digital com a agravante de estarmos atrás de um ecrã. Agravante porque, atrás de um ecrã não se sofre as consequências imediatas de um julgamento, existindo até um sentimento de impunidade; pode fazer-se ou dizer-se qualquer coisa que, no imediato, nada acontecerá. É uma espécie de palco sem regras.

“O ser humano não é mau, até que a sociedade o corrompe”

Há algumas gerações atrás o conceito de vida em sociedade diferia um pouco daquele que se observa nos dias de hoje. Assistia-se com mais frequência a comportamentos de irmandade, onde todos lutavam pela conquista de objetivos comuns e, onde se notava mais companheirismo e preocupação com o próximo.

Por sua vez, nos dias que correm, assistimos cada vez mais ao individualismo e chegamos a competir uns com os outros, seja por conquistas pessoais ou profissionais, a verdade é que temos tendência a querer o que o outro tem ou a criticá-lo só porque nós não o conseguimos.

Como dizia Jean-Jacques Rousseau, “as injúrias são as razões dos que não têm razão”, e talvez pela mesma lógica, assistamos com frequência à ofensa e agressão de uns a outros que, para camuflar as suas falhas pessoais, atentam sobre outra pessoa.

O *bullying* tradicional é explicado pela procura de novas sensações pelos agressores e está associado a transtornos de personalidade, de conduta, abuso de substâncias, ansiedade e depressão. Neste caso, os agressores entendem o uso de violência como um meio de resolução de problemas, demonstrando uma falha no processo de socialização, do desenvolvimento de empatia e de autocontrolo.

Estudos da comunidade científica sugerem que as pessoas selecionam uma resposta comportamental agressiva em situações de interação social devido à sua pobre habilidade para processar informação corretamente, indiciando que este comportamento é resultado de negligência durante o crescimento, e por essa razão, são propensas a desenvolver modelos cognitivos pouco saudáveis.

As famílias são determinantemente responsáveis pela orientação das crianças, no que se refere à sua formação e desenvolvimento da capacidade de socialização, devendo educá-las para que aprendam a controlar as suas vontades e tenham capacidade para se ajustarem aos outros, mantendo ao mesmo tempo um senso de integridade pessoal. Desta forma, e, no contexto de vida em sociedade, é primordial a educação para a cidadania. O ser humano é especial pela complexa diferença entre cada



um, mas precisamente por isso, é importante saber integrar-se e viver em harmonia com aqueles que o rodeiam.

Neste contexto, importa ainda perceber a situação da vítima. Estudos demonstram que as consequências da prática do *bullying* e *cyberbullying* incluem a probabilidade de desenvolvimento de depressão e ansiedade e pode até conduzir ao suicídio, resultado este que já temos visto acontecer entre os mais jovens, apesar de também já se assistir a comportamentos agressivos entre pessoas adultas.

Por sermos seres emocionais, de forma inconsciente sentimos e guardamos cada emoção de todos os momentos que vivemos. O acumular de situações de humilhação e agressão resulta numa dor silenciosa que culmina num estado de angústia, conduzindo a pessoa a um ponto em que acredita que viver se torna insuportável.

É difícil perceber e aceitar a razão que leva alguém a cometer suicídio. A Psicologia explica isso como o resultado da nossa programação inconsciente ou instintiva que nos leva a afastarmo-nos das situações que podem colocar em causa a nossa sobrevivência. Como seres humanos, temos um instinto de sobrevivência inato, que inconscientemente pode ser posto em causa com o sofrimento emocional. Para o nosso cérebro, a dor sendo tão forte e desesperante, a angústia sendo tão grande, coloca a nossa sobrevivência em causa, onde a única forma de silenciar esta dor é acabar com ela, acabando com a própria vida.

Aos olhos da sociedade, a tentativa de suicídio é considerada uma fraqueza do ser humano. Se alguém tenta suicidar-se devido ao sofrimento que outros lhe causaram, ao invés de receber a ajuda de que precisa, é punida pela sociedade que a tratará como uma pessoa fraca. Ao contrário, aqueles que mereciam punição, aqueles que provocam dor em alguém, permanecem nas suas vidas sem repreensões ou acompanhamento.

Viver em sociedade é viver em harmonia! Torna-se imperativo debater estas questões, e se possível legislar, de forma a proteger as vítimas e punir os agressores.

Não é à toa que continuamos a usar os termos *bullying* e *cyberbullying* em inglês, após várias tentativas ineficazes de tradução para português, pois não foi encontrada nenhuma palavra que caracterizasse sem redução semântica, tal fenómeno.